

Laeda Bezerra Machado



Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
laeda01@gmail.com

Maria Isabel Francisco da Silva



Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
mbelfs21@hotmail.com

ESCOLA PÚBLICA E PROFESSOR: INDÍCIOS DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS MATRICULADOS EM CURSOS DE ALTA SELETIVIDADE

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar as representações sociais de “escola pública” e “professor de escola pública” construídas por universitários matriculados em cursos de alta seletividade da Universidade de Pernambuco (UPE). Resulta de um estudo qualitativo que utilizou como instrumento de coleta a entrevista narrativa. Participaram da pesquisa 11 estudantes universitários, egressos exclusivamente de escola pública, matriculados em cursos de alta seletividade na UPE. As narrativas foram analisadas com o apoio da técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontaram que a escola pública está representada como a instituição que fornece formação abrangente, tanto acadêmica quanto cidadã, propicia aprendizagens diversas, orienta e direciona as escolhas profissionais. O “professor de escola pública” é representado como uma figura de referência, alguém que estabelece relações interpessoais de amizade, incentiva e acredita no potencial dos estudantes. Os achados destacam a importância da escola pública para a formação da população e indicam a necessidade de políticas educacionais que favoreçam esse espaço formativo e valorizem do professor.

Palavras-chave: Escola Pública. Professor. Representações Sociais.

PUBLIC SCHOOL AND TEACHER: EVIDENCE OF SOCIAL REPRESENTATIONS OF UNIVERSITY STUDENTS ENROLLED IN HIGHLY SELECTIVE COURSES

ABSTRACT

This article aims to identify the social representations of “public school” and “public school teacher” constructed by university students enrolled in highly selective courses at the University of Pernambuco (UPE). It results from a qualitative study that used the narrative interview as a collection tool. Eleven university students, exclusively from public schools, enrolled in highly selective courses at the UPE, participated in the research. The narratives were analyzed with the support of the content analysis technique. The results showed that the public school is represented as the institution that provides comprehensive education, both academic and citizen, provides diverse learning, guides, and directs professional choices. The “public school teacher” is represented as a reference figure, someone who establishes friendly interpersonal relationships, encourages, and believes in the students' potential. The findings highlight the importance of the public school for the education of the population and indicate the need for educational policies that favor this educational space and value the teacher.

Keywords: Public School. Public School Teacher. Social Representations.

Submetido em: 04/04/2021

Aceito em: 05/06/2021

Publicado em: 30/11/2021



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13nEsp2p489-511>



1 Introdução

As experiências mostram que são diversos os problemas enfrentados pelos estudantes nas instituições públicas de ensino, tais como: ausência de trabalho em equipe; não valorização dos profissionais; infra estrutura precária; falta de parceria da escola com as famílias dos alunos, violência; indisciplina, entre outros. Tais problemas têm estado no cerne das desigualdades educacionais, pois é entre os alunos de camadas sociais menos favorecidas que encontramos os índices mais elevados de fracasso escolar.

Decorrente de uma pesquisa ampla¹, este artigo, na contramão dos estudos sobre fracasso escolar, tem como objetivo analisar as representações sociais de “escola pública” e “professor de escola pública” de universitários matriculados em cursos de alta seletividade da Universidade de Pernambuco (UPE)². Procuramos saber o conteúdo simbólico construído sobre essa instituição e seus docentes entre um grupo que obteve êxito acadêmico.

Na produção científica sobre a escola pública identificamos alguns trabalhos que investiram no estudo da temática. Rosa (2015) analisou as representações sociais de alunos do nono ano do Ensino Fundamental sobre escola pública e escola particular do município de Londrina (PR). Os resultados indicaram a escola particular como mais valorizada e a escola pública identificada com discrepâncias entre idade/série, problemas de estrutura, recursos, atitudes entre outros.

A representação social de escola pública construída por jovens, em situação de distorção idade-série e vulnerabilidade social foi investigada por Silva, Souza e Medeiros Neta (2015). Segundo os autores, essa representação está centrada nos elementos transformação e desenvolvimento social. Os jovens investigados projetam na escola seus sonhos e desejos.

Ponte (2005) centrou sua análise nas representações sociais da escola pública apreendidas nos jornais impressos de grande circulação de Teresina-PI durante os anos de 1960, 1970 e 1980. A pesquisa indicou que nos anos 1960 a escola pública apresentava significativo relevo social, no entanto os anos 1970 veiculam queda de

¹ Pesquisa aprovada pelo CNPq Processo nº 304759-2017-1- Estudantes Universitários: uma análise das representações sociais de escola pública e seus professores.

² Em 2017, na UPE, os cursos com as médias mais elevadas para ingresso/SISU foram: Administração (748,96) Eng. Civil (760,38); Eng. Elétrica Eletrônica (773,26) Mec. Industrial (686,9); Eng. Mecânica Industrial (746,92); Eng. da Computação (745,12); Direito (773,90); Medicina (831,94) e Odontologia (758,66).

prestígio e orgulho de ser professor ou aluno da escola pública. Na análise do material publicado nos anos 1980, a escola pública passa a ser sinônimo de greve, atraso e desprestígio; professores e alunos são mal vistos pela sociedade. O trabalho constatou visível mudança de representação social da escola pública ao longo das três décadas analisadas.

No que se refere ao sucesso escolar, o estudo desenvolvido por Silva (2016), com estudantes matriculados em cursos de alta seletividade na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mostra que a escola pública isoladamente não garante o sucesso/ingresso no ensino superior, mas sem ela o sucesso escolar não seria possível. Confirma que as práticas desenvolvidas em seu interior são fundamentais para que alunos de famílias de baixa renda desenvolvam disposições e atitudes que favoreçam a continuidade dos estudos em educação superior. A pesquisa desenvolvida por Lima e Fernandes (2008) com estudantes do curso de pedagogia de uma universidade particular, reforça o sucesso escolar como uma construção social que articula condições pedagógicas e estruturais da escola, à situação socioeconômica e cultural das famílias e perspectivas de ascensão social.

2. Referencial teórico

Sobre representações sociais, podemos dizer que na sociedade vivemos expostos a uma infinidade de informações que nos afetam e que buscamos entendê-las de diversas formas, utilizando diferentes estratégias. Do processamento dessas informações vão se construindo o que denominamos representações sociais.

O conceito de representações sociais, cunhado por S. Moscovici nos anos 1960, tornou-se uma teoria. Na atualidade a Teoria das Representações Sociais (TRS) tem se fortalecido e nela localizamos três tendências ou abordagens de estudos³: a culturalista, fiel ao estudo original, liderada por D. Jodelet; a abordagem societal, que se preocupa em investigar a influência dos grupos na construção das representações e a abordagem estrutural, que valoriza e investiga o conteúdo e estrutura representacional. Nesta pesquisa adotamos a vertente estrutural, que considera a representação como um sistema sociocognitivo, cuja estrutura é composta por dois sistemas: o núcleo central e o sistema periférico. (ABRIC, 1998; 2003)

³ Jodelet (2011) faz referência a outra, a “escola anglo-saxã” que nos últimos anos com Farr, Duveen, Marková, Jovechelovitch, Bauer e Graskell tem crescido. Tal grupo juntamente com W. Wagner, na Áustria, vem direcionando seus trabalhos para a análise do discurso, dialogicidade e narrativa.

O núcleo central é um subconjunto de elementos que, devido a sua capacidade de garantir a perenidade das representações em contextos móveis e evolutivos, desempenha três funções: geradora, organizadora e estabilizadora. Exerce a função geradora porque cria ou transforma o significado dos outros elementos que constroem uma representação. Assume função organizadora porque determina a natureza das ligações dos elementos da representação. Possui caráter estabilizador porque seus elementos são os mais estáveis e resistentes à mudança. O sistema periférico dá suporte ao núcleo central e protege seu conteúdo. Constitui um complemento fundamental, pois contextualiza e atualiza as representações, em função das experiências cotidianas em que os indivíduos estão imersos.

As representações sociais constituem um sistema de interpretação da realidade que determinam comportamentos e práticas dos sujeitos. Consideram-se as representações como uma visão funcional do mundo, que permitem ao indivíduo ou ao grupo “dar sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências” (ABRIC, 1998, p.28). O autor ressalta que toda representação constitui um sistema que rege as relações dos indivíduos determinando os seus comportamentos e suas práticas sociais. Podemos assim admitir que as práticas sociais são reflexos dos significantes sociais da representação, logo, concordamos com Rouquette (1998), ao afirmar que representações sociais e práticas são influenciados de forma recíproca. Para o referido autor: “[...] convém tornar as representações como uma condição das práticas, e as práticas como agente de transformação das representações”. (ROUQUETTE, 1998, p. 43). Adotamos a vertente estrutural por destacar a relação entre representações sociais e práticas, uma vez que privilegiamos as práticas dos estudantes nas escolas para delas extrair suas representações sociais (ABRIC 1998).

3 Metodologia

Para identificar como as representações sociais de escola pública e seus professores se expressam no decurso das trajetórias dos sujeitos, desenvolvemos um estudo qualitativo delineado como estudo de campo. A pesquisa da qual decorre este artigo envolveu estudantes de duas universidades públicas, nos limites deste artigo enfocamos os de uma instituição estadual, na qual localizamos maior número de

estudantes, egressos exclusivamente de escolas públicas⁴, matriculados em cursos de alta seletividade.

O grupo participante é composto por 11 estudantes assim distribuídos: quatro estudantes de Medicina, dois cursam Direito e um estudante dos cursos de: Odontologia, Administração, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica e Engenharia da Computação. Desses estudantes, sete estão nos períodos iniciais da formação e quatro estão finalizando seus cursos. Do grupo, apenas um estudante não utilizou do sistema de cotas para o ingresso na UPE, dos demais, nove utilizaram a modalidade de cota para estudantes que cursaram toda educação básica em escola pública e um a cota para escola pública, social e racial. Em relação à renda familiar a maioria deles declarou obter renda de um a dois salários.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a entrevista narrativa. Entendemos que a entrevista narrativa é adequada a este estudo porque privilegia as significações atribuídas pelos próprios estudantes às suas trajetórias escolares e a partir delas podemos apreender representações sociais. "Nossas experiências e ideias passadas não são experiências ou ideias mortas, mas continuam a ser ativas, a mudar e influenciar nossa experiência e ideias atuais. Sob muitos aspectos, o passado é mais real que o presente". (MOSCOVICI, 2003, p.38),

Narrar significa contar histórias sobre si mesmo e "[...] contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal." (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2012, p.91). De acordo com os autores, no ato de contá-las, nos constituímos e damos sentido às experiências vividas. Por meio deste recurso, os sujeitos contaram suas trajetórias e práticas escolares no decorrer da educação básica na escola pública.

Revelar como as representações sociais de um objeto se expressam nas trajetórias dos sujeitos pode ser profícuo, uma vez que os processos psicossociais não separam o individual do social e existe uma relação dialógica entre as representações e práticas dos sujeitos (ALVES-MAZZOTTI, 2015).

Os participantes foram incentivados a contar suas trajetórias na escola básica pública desde o ingresso até a passagem para a vida universitária, destacando o papel da escola e dos professores para o seu sucesso acadêmico. Na ocasião das entrevistas foi dada a seguinte orientação: Narre de forma detalhada sua vida na escola, desde o início

⁴ Não incluímos estudantes provenientes de instituições federais públicas de educação, como os institutos de educação profissional e colégios de aplicação, pois entendemos que essas instituições possuem um diferencial e não atendiam ao grupo que queríamos atingir com esta pesquisa, ou seja, aqueles que frequentam as escolas públicas comuns frequentadas pela maioria da população.

até a chegada à universidade. Sem fazer interrupções, deixamos que eles narrassem livremente suas trajetórias. Somente quando o sujeito parava de falar é que pedíamos para esclarecer ou acrescentar informações relevantes sobre o que havia sido narrado.

As trajetórias relatadas pelos participantes foram transcritas, lidas e analisadas com apoio da técnica de análise de conteúdo de L. Bardin (2007). A técnica oferece a possibilidade de organização de dados verbais, escritos e imagens. Devido à possibilidade de explorar variados tipos de material, é uma técnica recorrentemente utilizada nas pesquisas qualitativas, garantindo uma análise mais densa levando à construção de inferências.

4 Resultados e discussão

Atendendo aos objetivos, organizamos as narrativas em categorias a fim de indicar o papel exercido pela escola pública e seus professores para o sucesso escolar desses estudantes. Lembramos que, de acordo com Szymanski (2004), as categorias concretizam a imersão do pesquisador nos dados para explicitação de significados do que foi narrado pelos sujeitos. As narrativas foram organizadas em três categorias: marcas da escola pública na vida dos estudantes; influências do professor na trajetória escolar dos estudantes de escola pública; a família e sua importância nas trajetórias escolares. Neste texto, após a caracterização do grupo pesquisado, elas são apresentadas e discutidas.

4.1 Marcas da escola pública na vida dos estudantes

Nessa categoria, os sujeitos relatam as recordações das escolas em que estudaram. Percebemos uma tendência entre os estudantes a falarem de modo mais detalhado sobre suas trajetórias nas escolas de ensino médio. Como afirma Cunha (1997), é comum que, ao narrar, o sujeito destaque algumas situações, suprima outras, negue etapas, lembre ou esqueça algo.

No geral, notamos que as experiências relacionadas à educação infantil e ao ensino fundamental aparecem de modo mais difuso nas narrativas. Nos relatos eles omitem vivências desse período, ou destacam poucas lembranças como os primeiros contatos com os conhecimentos de leitura e matemática e/ou a proximidade ou distância da instituição escolar e sua residência. Afirmaram: “Bom, do maternal eu não lembro muita coisa, que faz muito tempo, lógico! Mas, eu vou falar do ensino fundamental e do ensino médio”. (E-25 Eng. Mec.) “É o pré-1 e o pré-2, que fica nessa época só ensinando

vogal e cálculos básicos de matemática”. (E-03 Eng. Comp.) “É... Eu me lembro que meu primeiro ano de escolarização foi numa escola municipal do lado da minha casa” (E- 07 Direito)

No conjunto das narrativas há referências ao processo de alfabetização como algo que antecede o ingresso na escola. Dos participantes, quatro deles mencionam a alfabetização fora da escola, três sujeitos (E-14 Eng. Civil.; E-28 Med.; E-29 Med.) foram alfabetizados na própria família (pelo pai, mãe e/ou irmãos) e um (E-08 Direito) alfabetizou-se por meio de um projeto desenvolvido pela igreja que seus pais frequentavam. Esses estudantes não cursaram a educação básica na cidade de Recife; um deles morava no município de Paulista, dois em outras cidades do interior do estado e um residia fora do estado. Alguns iniciaram o processo de alfabetização em suas residências e outros tiveram acesso à educação infantil em instituições da rede pública. Três foram alfabetizados em casa por iniciativa das famílias; um deles devido a dificuldades de aprendizagem da leitura. A esse respeito dois participantes relatam: “[...] eu aprendi a ler muito cedo e, na verdade, eu sinto que parte de muitas coisas que eu já cheguei na escola sabendo foi por causa de um projeto que tinha na época [...]” (E- 08 Direito) “Eu tinha muita dificuldade em aprender a ler e escrever, tanto que quem me ensinou a ler e escrever foi a minha mãe, não aprendi na escola.” (E- 29 Med.)

Sobre esse suporte dos pais à alfabetização dos filhos, Di Nucci (1997) afirma que em casa, quando os pais se identificam e colaboram para o sucesso na alfabetização dos filhos, seu engajamento e responsabilidade nesse processo favorecem situações promissoras à aprendizagem da leitura e da escrita e sucesso escolar da criança.

Sobre as experiências nas instituições de educação infantil e ensino fundamental os estudantes, em suas narrativas, as comparam com as escolas que frequentaram durante o ensino médio, destacando que as primeiras possuíam uma estrutura física precária, quando comparadas às últimas. Afirmam:

[...] teve a diferença de investimento, na minha escola técnica tinha uma biblioteca [...]. Agora, por exemplo, escolas do município que deveriam ter um laboratório de informática, uma biblioteca que ficasse aberta na hora do recreio, ou algo assim, não tinha, era tudo fechado (E-03 Eng. da Comp.)

Na minha primeira escola, que foi a do fundamental 1 e do fundamental 2, a estrutura lá era bem baixa, bem ruim [...]. Já lá na outra escola, que era a escola do ensino médio, ela tinha uma estrutura boa, razoavelmente boa, a gente tinha acesso à internet lá. (E-14 Eng. Civil)

As narrativas, quase que exclusivamente centradas na escola pública de ensino médio, destacaram problemas e benefícios vividos na escola durante essa etapa final da

educação básica, ganhando maior relevo as vantagens de tê-la frequentado. Quando fazem referências favoráveis à escola pública destacam conteúdos, disciplinas, atividades escolares ou extra escolares de que tiveram oportunidade de participar. Referiram-se, por exemplo, a grupos de extensão, aula de astronomia ou olimpíada de matemática. Assim se manifestaram.

Do segundo para o terceiro ano todo dia o todo dia, na quarta-feira à tarde, cada professor tinha seu grupo de extensão. Por exemplo, esse de matemática era um grupo de extensão, tinha outro grupo que era de culinária, tinha outro que era para criar vídeos de ciências para o *YouTube*, tinha esse de educação física que era de *CrossFit* e ela sempre seguia uma base curricular. Por exemplo, eu tenho coisa agora na faculdade que eu tenho que ver sobre metodologia científica, que eu aprendi no ensino médio fazendo pesquisa na matéria de Educação Física, de pesquisa bibliográfica (E-03 Eng. Comp.).

Eu tive vivência, por exemplo, com muitas outras coisas, por exemplo, na aula de Astronomia, a gente tinha um programa que era com vídeo, desde a segunda série, tinha esse programa; também tinha a questão de olimpíada de matemática, de português, então eu tive esse tipo de vivência (E-26 Adm.).

Os estudantes reconhecem a formação mais abrangente oferecida pela escola pública, que não foi responsável somente pelo ensino, mas contribuiu para a formação do caráter do sujeito humano, cidadão. Afirmam: “O Cícero Dias (o colégio), em que eu estudei, se eu não tivesse passado naquela escola eu não seria quem sou hoje [...]. A escola tinha várias regrinhas que iam moldando a gente né [...]” (E- 07 Direito) “[...] eu acho muito bacana uma escola pública que incentiva seus sonhos e que abre as portas não somente para tu passar no vestibular, mas pra te mostrar que existe algo muito além do que pagar contas, fazer uma faculdade e sei lá comprar coisas” (E-08 Direito). “Tipo... Na escola você aprende muito mais do que ler e escrever... Você aprende a lidar com certas situações, aprende a fazer amizades, a se comunicar...” (E- 27 Med.)

Sobre o caráter formativo da escola, Libâneo (2007) ao referir-se a sua função social, destaca que ela não apenas prepara para o processo produtivo, mas deve garantir uma formação sociocultural; preparar o indivíduo para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania; oferecer uma formação crítica e ética, de modo que o estudante compreenda os valores morais, os limites entre o certo e errado.

Na concepção de Freire (2000), a educação não é treinamento. O ato de educar se volta para a formação, para a promoção dos educandos, seu verdadeiro sentido e significado. O autor denuncia a astúcia das propostas neoliberais em que associam o treinamento à formação. Referindo-se, particularmente, à educação afirma: “a necessária

formação técnico-científica dos educandos por que se bate a pedagogia crítica não tem nada que ver com a estreiteza tecnicista e cientificista que caracteriza o mero treinamento”.

Como aspectos favoráveis da escola pública salientam seu papel na orientação e no direcionamento das escolhas profissionais. Eles a reconhecem como um ambiente de descobertas que talvez não fossem possíveis fora desse espaço formativo. Dentre essas descobertas enfatizaram a possibilidade de ingressar em universidade pública. Para eles, foi na escola pública que puderam ter as informações sobre a estrutura, modos de funcionamento e acesso à educação superior pública. Sobre estes aspectos comentam:

[...] foi lá que eu descobri que eu podia entrar na universidade, que eu podia cursar Engenharia e sem ter que pagar nada por isso. Eu nem sabia também que existia isso de SSA, que todo ano ia fazer uma prova e que podia passar. Aí foi lá que eu descobri que podia. (E-14 Eng. Civil)

Eu decidi entrar no nível superior quando eu participei de um programa na sétima série e a gente fez uma visita na federal (UFPE) em um laboratório de anatomia, a gente fez para conhecer. Eu conheci a estrutura da Federal, para mim eu achava muito top, você só vê coisas assim só em filme, aquela estrutura bem grande, departamentos, aí eu pensei... “eu tenho que estudar aqui, aí eu só focava nisso”. (E-26 Adm.)

Silva (2016) revela resultados semelhantes aos indicados nesta pesquisa. Segundo a autora, ao contrário dos estudantes de camadas médias que veem o ingresso na universidade como inevitável e natural, os de camadas populares normalmente só recebem informações básicas sobre o ensino superior, seu funcionamento e formas de ingresso na escola pública e, em sua maioria, apenas durante o ensino médio. Assim, esta investigação confirma que a escola pública além de informar e orientar, incentiva, promove atividades e eventos e auxilia o aluno a reconhecer seu potencial e possibilidade de ingresso na universidade.

Dos onze estudantes vinculados a cursos de alta seletividade na UPE, ouvidos para a pesquisa que deu origem a este artigo, três estudaram em escolas técnicas, sete estudaram em escolas de referência e apenas um frequentou uma escola pública regular, pois residia em outro estado quando cursou o ensino médio. Lembramos que a educação integral se tornou Política Pública do Estado de Pernambuco em 2008. Este modelo está fundamentado em uma concepção interdimensional que visa à qualificação para a continuidade da vida acadêmica e da formação profissional para o mundo do trabalho. Desde então, Escolas Técnicas Estaduais (ETEs) e Escolas de Referência do Ensino Médio (EREMs) têm se difundido por todo o estado.

Essas escolas, especialmente as EREMs, são reconhecidas pelos universitários como de boa qualidade, pois possuem carga horária ampliada, apresentam melhor infraestrutura, equipamentos, disponibilizam atividades extra classe, cursos de línguas, intercâmbios, entre outros. Apesar de a maioria deles relatar que estudaram em escolas públicas de ensino médio mais qualificadas, entre os entrevistados há algumas contradições quando se referem à infraestrutura dessas escolas que frequentaram. Afirmam: “A estrutura era muito precária, muito precária mesmo, eu não sei como é aqui, mas lá é... Os professores reclamavam muito” (E-29 Med.). “Era uma escola bem precária em termos de material mesmo para se trabalhar, e do básico, a água, merenda, luz, essas coisas sabe. Era muito calor, fazia muito calor porque a estrutura dela era bem precária mesmo” (E-30 Med.)

Os estudantes ressaltaram que a falta de atenção e incentivos do poder público para com a educação pública é o principal motivo para a ausência de uma estrutura adequada das escolas. Um deles afirmou: “as escolas públicas elas nunca têm tantos incentivos, tanto dinheiro, tanta estrutura como deveriam ter para funcionar” (E-28 Med.).

Além das questões de infra estrutura, outros aspectos desfavoráveis foram mencionados pelos sujeitos quando detalham suas experiências na escola pública. Dentre eles ressaltaram a falta de apoio e a defasagem dos conteúdos ensinados e aprendidos. Tais aspectos, segundo os entrevistados, afetam negativamente a preparação para o ingresso nas instituições de ensino superior. Como forma de suprir suas dificuldades, eles buscaram outras alternativas de aprendizagem, como afirmam.

Então no meu caso foi isso, infelizmente eu queria fazer um vestibular e não tinha apoio da escola, eu ia para a escola só para ter meu diploma de ensino médio entendeu? Isso é muito ruim, porque a escola deveria ser meu apoio para o meu futuro acadêmico né? [...]. Tinha que bater ponto na escola e estudar em casa. (E-29 Med.)

Então eu acho que o ensino médio foi uma experiência negativa na escola com relação a isso porque eu percebi que o trabalho teria que ser muito mais dobrado se eu quisesse alguma coisa né? (E-26 Adm.)

Dois estudantes, ao narrarem suas trajetórias, salientaram a ausência de professores de disciplinas fundamentais como Física e Química por um longo período, além da troca constante de professores, vistas por eles como prejudiciais à aprendizagem e ao domínio dos conteúdos exigidos.

Segundo os achados de Santos *et. al.* (2012), o ensino oferecido pela escola pública é considerado pelos seus alunos de má qualidade, os professores são descompromissados e há a falta de aulas de algumas disciplinas. Tais deficiências tornam

o ensino fraco porque não os motiva ou engaja no processo de aprendizagem. Os resultados também revelam que os alunos reivindicam um ensino de qualidade, considerado fundamental para competirem de forma isonômica com os alunos de escolas particulares em exames institucionais, concursos e mercado de trabalho. Além disso, outros estudantes destacam a superlotação das salas, problema muitas vezes agravado pela infraestrutura precária das escolas, pois contribui para a desorganização, falta de concentração e dispersão dos alunos. Tais dificuldades afetam o trabalho do professor e a qualidade da aprendizagem na escola pública. Assim relatam.

Não tem como você manter uma turma completamente organizada de 46 alunos, não é total silêncio, não é total organização e não é todo mundo que vai estar prestando a atenção, são 46 adolescentes. Então, não tem como ser todo mundo sentado bonitinho e tal, tipo... Isso era outro problema que tinha, era que muitas vezes o professor tentava dar aula, mas ele não tinha engajamento por parte dos alunos. (E-08 Direito)

[...] É difícil ter uma classe com 45 alunos, é muito difícil, saber quem tem dificuldade, quem não tem então acredito que é isso. Você tem uma sala lotada de aluno, tem o índice lá, 100% de presença, tudo mais, mas não tem qualidade. (E-26 Adm.)

De modo semelhante, no estudo de Marques e Castanho (2011), os alunos veem a escola como necessária para aprender, se promover, conseguir emprego e ser alguém na vida, no entanto não funciona como deveria ou como gostariam. Foram indicados vários aspectos negativos, como: aulas vagas; falta de professores e de material adequado; professores que não conseguem dar aula; ausência de investimento público, entre outros.

Os participantes que mais revelaram insatisfação com a escola pública em suas narrativas foram os E-29 e E-30, ambos cursam Medicina. Conforme verbalizaram, vários aspectos geram insatisfação quando pensam na escola pública, tais como falta de apoio, não cumprimento do conteúdo programático, infraestrutura precária, material didático em péssimo estado, troca constante de professores ou a ausência dos mesmos. Segundo afirmaram, essas limitações os levaram a buscar outras alternativas para alcançarem o êxito acadêmico. Dentre essas alternativas mencionaram que chegavam a faltar às aulas para estudarem em casa e participarem de cursos preparatórios para os exames de ingresso à educação superior.

Esses recursos também foram utilizados por outros estudantes entrevistados. Em suas narrativas, quatro deles relatam ter participado de cursos preparatórios da rede particular, três participaram de cursos preparatórios solidários oferecidos pelas universidades públicas e outros dois relatam uma rotina árdua de estudos em casa

utilizando: os livros didáticos oferecidos pela escola; livros e apostilas de cursos preparatórios (cedidos por amigos) e outros materiais veiculados pela internet.

No terceiro ano eu fazia pré-vestibular à noite e a escola era em tempo integral, era das oito às cinco da tarde e o cursinho começava às sete, ou seja, eu ia da escola para o cursinho, chegava em casa às dez para dormir, para no dia seguinte ir à escola. (E- 07 Direito)

Aí eu estudei para o Enem, fiz o pré-vestibular, o PREVUPE, o pré-vestibular da UPE, e consegui passar na UPE e, também, na Federal. (E-4 Eng. Civil)

Fiquei estudando em casa, de segunda a sábado [...]. Peguei os livros no pré-vestibular, peguei livros emprestados de amigos meus que estudavam em pré-vestibular particular, peguei livros e fiquei estudando em casa até o ENEM (E-26 Adm.)

Zago (2006), em estudo sobre a temática, mostra que a alta concorrência dos vestibulares e a ineficácia das políticas públicas para oferecer um ensino de qualidade levam os jovens de baixa renda a buscarem alternativas para preencher as lacunas da formação básica e se tornarem mais competitivos na corrida para o ingresso nas universidades. Há uma grande procura por cursinhos preparatórios, e os estudantes de camadas populares fazem esforços consideráveis sejam eles financeiros ou físicos para adquirirem uma formação suplementar.

Apesar dos limites, como base nas trajetórias descritas, é possível afirmar que, para a maior parte dos entrevistados a escola pública é responsável por oferecer uma formação abrangente, que contribui para o desenvolvimento do aluno como sujeito humano e cidadão. Além disso, constitui um ambiente de descobertas, conhecimento e orientação a respeito da formação no ambiente universitário. Como aspectos negativos vivenciados na escola pública, ganharam destaque nas narrativas a infraestrutura precária de algumas escolas, a falta de apoio, ausência de professores e a defasagem dos conteúdos ensinados e aprendidos.

A despeito de algumas referências negativas, nas representações sociais de universitários matriculados em cursos de alta seletividade da UPE, a escola pública é um espaço de formação acadêmica e humana do aluno, uma instituição que direciona escolhas e descobertas e contribui para o sucesso escolar da juventude.

4.2 Influências do professor na trajetória escolar dos estudantes

As trajetórias dos entrevistados são marcadas pela presença ativa do professor, que sempre é lembrado pelos estudantes e associado a experiências favoráveis vividas nessas instituições. Foram poucas as restrições do grupo pesquisado a esse profissional. Dez estudantes foram favoráveis ao trabalho desenvolvido pelos docentes; apenas um deles foi crítico ao falar de sua experiência com os professores no interior da escola.

Nas narrativas, os estudantes destacam a influência positiva dos professores, através do incentivo dado ao ato de estudar e às exigências para que se dedicassem às atividades escolares. Esses professores figuram como profissionais de destaque para os participantes, pois, segundo afirmaram, despertaram neles o interesse pelos estudos, o gosto por algumas disciplinas e a perspectiva de ingresso na universidade. A esse respeito relataram:

[...] eu tinha professor de Matemática ele me influenciou muito minha escolha de Engenharia. Ele sempre falou que era para me dedicar [...]. Aí ele me incentivava muito a estudar, a entrar na universidade, essas coisas. (E-14 Eng. Civil)

Foi ela que me fez gostar de matemática, que me fez gostar de estudar no geral. Porque antigamente eu me achava uma pessoa burra. É... Falavam que eu tinha muita falta de interesse, e aí ela virou para mim um dia e disse para mim que eu não era burro, mas que eu só não gostava de estudar... Porque quando eu começasse, eu iria gostar. E foi ela quem me marcou, porque, a partir daquele dia, eu vi que eu poderia prosseguir, que eu teria chances de ingressar naquilo que eu quisesse. (E-25 Eng. Comp.)

Como citado anteriormente, há uma tendência dos estudantes a falarem de modo mais detalhado sobre as vivências durante o ensino médio do que de outras fases da escolarização. Assim, nas trajetórias ganha relevo o trabalho dos professores na fase de preparação para os exames para ingresso nas universidades, momento marcado por uma relação mais próxima entre estudantes e professores.

De acordo com o que foi narrado pelos estudantes sobre os professores, eles os incentivaram e permaneceram disponíveis para, além de tirarem dúvidas, investirem e apoiarem na conquista de uma vaga em curso superior. Esse apoio era manifestado, principalmente, através da oferta e empréstimo de livros, inscrição em atividades preparatórias para os exames, entre outros. Afirmam: “[...] com os outros professores também era uma relação muito próxima, por exemplo, tinha professores que até tiravam tempo deles do intervalo para ajudar na hora do intervalo, se tivesse alguma dúvida do ENEM” (E-03 Eng. Comp.) “Quantas vezes eu cheguei na escola e o professor me dava

um livro para eu estudar. Na época do ENEM, eu: professor eu preciso de tal livro pra estudar e ele, tome, pode ficar é seu. Vá estudar” (E-08 Direito) “Da parte dos professores teve estímulo sim... Fornecia inscrição para a gente ir para aulão, para cursos, ele não era autorizado [...] (E-26 Adm.)

Das trajetórias descritas depreendemos que, para a maioria dos entrevistados, os professores de escola pública são figuras de referência pelo apoio e crença dispensados aos estudantes. Ao enfatizarem as características positivas desses professores, ressaltaram que:

[...] eles têm um papel fundamental, eles dando conselhos, acreditando no aluno, porque muitas vezes eu não acreditava que eu ia chegar na universidade com o curso que eu cheguei e eu não acreditava nisso e os meus professores fizeram com que eu acreditasse nisso e eu estou aqui né? (E-14 Eng. Civil)

[...] ela me estimulava muito, sempre me diziam que Medicina não era para pobre, ela dizia que não! Tinha o exemplo do marido dela, e que eu era uma pessoa inteligente e que eu deveria tentar. (E-30 Med.)

[...] foi graças a eles, porque eu sou uma pessoa que eu vim de uma família pobre, não sou de uma família rica, eu estudei a minha vida toda nessas escolas públicas, nunca fiz um cursinho, nunca fiz nada e se fosse só por mim... no tempo do vestibular eu ficava em casa, eu via as coisas em casa, estudava em casa, mas eu penso assim... que o professor está ali para incentivar você, ele é um papel chave nisso. (E-28 Med.)

O professor também é lembrado por seu papel de instruir, no esforço para ensinar, preparar boas aulas utilizando recursos variados, tirar as dúvidas, estar atento às dificuldades, prestar assistência ao aluno nas mais variadas atividades escolares e desenvolver projetos de extensão. Assim falou um dos participantes: “Ele se esforçava, trazia elementos... além de vídeos, data show, também trazia livros, estimulava e recomendava leitura” (E-26 Adm.).

A relação de proximidade entre professor e aluno construída no interior da escola perpassa as narrativas de alguns estudantes e é bem explícita em três trajetórias que manifestam sentimentos de amizade e afeto pelos docentes. Ao se referirem aos professores dizem: “Eu tenho ela mais como uma mãezona do que de fato como uma professora”. (E-30 Med.) “Eu via muito, muito amor [...], imagina só como é você ter aquele amor por pessoas que nem são do seu sangue, que nem são da sua família. (E-28 Med.) “Ela é muito importante em toda essa minha vida estudantil e mesmo depois de ter parado de ter ela como professora, ela se mantém presente na minha vida.” (E-27 Med.)

Segundo Osti e Brenelli (2013), as relações estabelecidas entre o aluno e professor sejam elas positivas ou negativas, além de interferirem no processo de ensino-aprendizagem, comportamentos e atitudes no ambiente escolar, ficam gravados e são conduzidos pelos alunos para além dos muros escolares, influenciando a representação social do professor. O sentimento de amizade e afeto descrito pelos estudantes reflete a boa relação estabelecida com os professores em suas trajetórias escolares, que provavelmente resultaram em respeito mútuo e na construção de um ambiente propício para a aprendizagem.

Alguns dos entrevistados se referem aos professores como dedicados e interessados em ensinar, mesmo que muitas vezes estejam impossibilitados de exercer a função em sua plenitude, sobretudo, devido às condições de trabalho nas escolas, falta de reconhecimento e má remuneração. “Têm professores sensacionais no GP, têm professores sensacionais em outras escolas públicas que eu estudei [...] Mas, que não tem o apoio devido” (E-8 Direito).

As precárias condições de trabalho tornam os docentes desmotivados e desinteressados pela profissão e levam a algumas atitudes e práticas que prejudicam a aprendizagem do aluno. Alguns dos sujeitos fizeram restrições às práticas dos professores mencionando dificuldades que envolvem a relação professor aluno e as exigências burocráticas do sistema. Afirmam: “Então faltava um pouquinho de interesse, de chegar na pessoa que tinha uma dificuldade, chegar pra ela e dizer assim: “Você tem alguma dificuldade? Você tem algum problema?” (E-26 Adm.) “No meu caso meus professores não estavam preocupados em saber o que o aluno queria do futuro, mas sim o que eles precisavam bater de meta. Acabava que eles não tinham esse vínculo com o estudante” (E-29 Med.).

De modo menos marcante e isolado, aparecem no relato de um participante (E- 29 Med.) referências mais desfavoráveis aos professores como profissionais que desmotivam e desencorajam os alunos a persistirem em suas escolhas e objetivos. A esse respeito relatou: “[...] eu nunca encontrei um apoio na escola, porque os professores já vinham com aquele estigma. Pô! você quer Medicina? Você não vai conseguir aqui! Entendeu? Você vai ter que procurar outro jeito de você conseguir passar no vestibular porque aqui na escola você não vai conseguir” (E -29 Med.).

De modo semelhante ao que identificamos de negativo para com os professores de escola pública no depoimento acima, Lima e Fernandes (2008) afirmam que referências desfavoráveis acerca dos professores, às suas atitudes e à prática pedagógica são

recorrentes em estudos que analisam as representações de professores e alunos, o que evidencia a existência de representações sociais negativas desses profissionais.

No entanto, o conjunto geral das trajetórias escolares dos estudantes matriculados em cursos de alta seletividade que ouvimos nesta pesquisa, revelou representações positivas do professor de escola pública. Segundo os entrevistados, os professores com os quais conviveram estavam constantemente incentivando-os a se dedicarem às atividades escolares, lançando mão de diversos recursos para despertarem neles o interesse e o gosto pelos estudos. O professor é aquele que apoia, acredita no potencial do aluno e investe em seu sucesso, pois sempre está disponível e disposto a ajudar na fase decisiva de suas vidas: o ingresso em curso superior. Contudo, identificamos algumas poucas restrições à prática desses docentes e elas estão associadas às condições de trabalho e exigências burocráticas. Muitas vezes esses obstáculos acabam por desmotivá-los em relação à profissão e distanciá-los do aluno.

Ressaltamos a importância da pesquisa, relatada neste artigo, que tem como sujeitos os estudantes, pois como destacam Vale et. al. (2018), é importante conhecer as representações sociais acerca do professor por meio da voz do aluno, sujeito central no processo de ensino aprendizagem. Reiteramos que essas representações determinam comportamentos, atitudes e influenciam as relações entre estudantes, professores e demais atores envolvidos no trabalho escolar.

4.3 A família e sua importância nas trajetórias escolares

Nogueira (2004) considera que as trajetórias escolares não são completamente determinadas pelo pertencimento a uma classe social, mas podem estar associadas a fatores como as relações familiares e características próprias do sujeito.

Segundo Lahire (1997) para se entender os resultados escolares, sejam situações de fracasso ou de sucesso, é imprescindível reconstruir a rede de relações familiares das crianças e adolescentes, pois a família e a escola formam circuitos que se complementam. Assim, mesmo não sendo objetivo desta investigação, foi inevitável a presença da família nas narrativas das trajetórias escolares. Em sua maioria, as referências são positivas e expressam os esforços mobilizados por seus membros para manter os estudantes na escola, além do seu apoio e incentivo constantes. Conforme relataram, a presença dos familiares é marcante desde o início da escolarização, já no processo de alfabetização, como mencionado anteriormente, e continua no auxílio à

realização de atividades, incentivo permanente ao estudo, presença nas reuniões da escola, compra de materiais e auxílio financeiro.

Sobre a realização das atividades escolares, podemos constatar que alguns pais, mesmo com limitado nível de escolarização, não abriam mão de acompanhar os filhos em suas atividades escolares. Afirmam: “meu pai me ajudava em casa com matemática até a terceira série do ensino fundamental, depois disso eu me ajudava em matemática, meu pai não sabia, nem minha mãe”. (E-07 Direito) “Minha mãe terminou o ensino médio junto comigo, mas mesmo assim, ela sempre, embora ela não fosse de tá no meu pé, minha mãe sempre dizia: faça a tarefa”. (E-28 Med.)

Alguns estudantes destacam também o esforço diário dos pais em acompanhá-los à escola diariamente: “[...] todos os dias os meus pais estavam lá me levando, me buscando, e eu morava a duas ruas da escola e ainda assim todos os dias meus pais iam me buscar (E-08 Direito); “[...] meu pai sempre acordava de manhã e me levava até essa parada de ônibus, de moto para eu poder pegar o ônibus, mas às vezes eu me atrasava e ele me levava na escola também” (E-14 Eng. Civil)

A presença e o apoio da família na vida estudantil são tidos como um privilégio, algo que favorece o sucesso acadêmico, pois os estudantes em nenhum momento de suas trajetórias precisaram abrir mão dos estudos para trabalhar, tendo a possibilidade de se dedicar inteiramente aos estudos. Afirmam: “um ponto que eu acho que foi importante, [...] que eu acho que muitas pessoas tiveram, foi justamente a questão da família participando na vida estudantil. Porque eu vi alguns colegas meus que eles não tinham, [...], acho que por isso eles não tinham muito tempo para se dedicar aos estudos” (E-14 Eng. Civil) “Eu consigo reconhecer que eu tive privilégios em muitos aspectos e um deles é ter tido o apoio dos meus pais” (E-08 Direito). “Eu nunca tive problema de... Ah! se não tiver estudando direito, você vai ter que sair para trabalhar. Porque tem muito disso no interior, se não estudar, vai trabalhar” (E- 03 Eng. da Comp.)

O sonho de ingressar na universidade é algo acolhido, também, pelas famílias dos estudantes. Nesse sentido, o desejo das famílias constitui suporte fundamental, desde o processo de preparação para o vestibular (investimento financeiro) até o ingresso na universidade. Sobre este suporte e incentivo das famílias afirmam:

[...] eles abdicaram de algumas coisas para investir no estudo para gente, e assim tanto em apoio para comprar materiais e tal, investir em cursinhos em coisas assim, extras, tanto apoio psicológico, que é muito importante. Porque você se coloca muita pressão quando está nessa etapa da vida. (E-27 Med.)

Sempre me apoiaram em tudo, eles sempre me incentivaram muito. Tanto é que hoje eu tô aqui (universidade) e eles estão fazendo bastante esforço para me manter aqui sem ter problemas. Sei que eles trabalham muito para que eu consiga me formar. (E-29 Med.)

Quando mencionam as famílias como importantes em suas trajetórias, descrevem sua proximidade com o ambiente de ensino, as ações pedagógicas empreendidas na realização das atividades dentre outras atitudes que contribuíram para o sucesso escolar. Os estudantes, de forma geral, apontam como relevantes a presença tanto da mãe quanto a do pai. A presença efetiva de ambos nas trajetórias difere dos achados de Zago (2000); Gonçalves (2015) e; Castro e Tavares Júnior (2016), que apresentam a figura da mãe de forma mais efetiva, intensa e central, do que a do pai, quando se trata do apoio à escolarização dos filhos.

No geral, as famílias acreditam que a escola é importante para formação desses estudantes e mobilizaram esforços diversos durante todo o processo de escolarização, para que concluíssem o ensino médio com sucesso e ingressassem em universidade. A partir das trajetórias relatadas, podemos depreender que o sucesso escolar dos estudantes matriculados em cursos de alta seletividade da UPE está relacionado à escola, aos professores, ao mérito próprio e investimento das famílias, que acolhem seus sonhos e propósitos.

O estudo de Machado e Silva (2019) corrobora com nossos achados, revelando que o investimento familiar mobilizado pelos pais, mesmo com baixa escolarização e condições financeiras desfavoráveis, é imprescindível para que os estudantes trilhem uma trajetória escolar bem-sucedida.

5 Considerações finais

Os resultados indicam que as trajetórias de escolarização pública dos estudantes matriculados em cursos de alta seletividade da UPE ocorreram de modo tranquilo, sem interrupções ou intercorrências que os prejudicassem. Não houve menção a problemas de acesso à escola. Ganharam centralidade nas trajetórias as experiências vivenciadas na escola pública durante o ensino médio.

Mesmo não tendo sido nosso objetivo identificar nas trajetórias escolares a participação da família, a maioria dos estudantes fez questão de destacar a importância do apoio familiar para o sucesso e ingresso na universidade.

Ao se referirem à escola pública, os estudantes apontaram aspectos favoráveis e limites referentes à instituição. Eles destacam a importância do acesso ao ensino, possibilidades de desempenho e sucesso acadêmico e espaço para obtenção de informações acerca do acesso e funcionamento da educação superior. Como a maioria dos estudantes concluiu o ensino médio em escolas estaduais de referência, eles enfatizaram as oportunidades de participação em atividades extraescolares e outros programas que oferecem suporte à formação dos jovens nessas escolas de tempo integral. Apesar de terem sido ressaltadas as condições de aprendizagem na escola pública, não negam as dificuldades de infraestrutura, falta de material didático, número excessivo de alunos por turmas e outros desafios enfrentados nessas instituições.

Assim, a escola pública está representada como a instituição que fornece formação abrangente, tanto acadêmica quanto cidadã, propicia aprendizagens diversas e orienta e direciona as escolhas profissionais. No entanto, questões de ordem estrutural, defasagem dos conteúdos, ausência de professores entre outros, afetam negativamente a qualidade da aprendizagem e o trabalho do professor nesses espaços educativos.

O professor é representado pela quase unanimidade dos sujeitos como uma figura de referência, um incentivador, dedicado aos alunos. Alguém que contribui para que o estudante alcance o êxito acadêmico, disponível para ajudar os estudantes a tomarem as decisões que concretizarem seus objetivos. No entanto, essas representações positivas dos professores não desconsideram que suas condições precárias de trabalho, os entraves burocráticos e a desvalorização profissional afetam suas práticas. De modo mais discreto (especialmente na narrativa de um dos participantes) o professor é representado como um profissional que desmotiva e desencoraja os alunos.

O professor de escola pública é representado como influência positiva para os estudantes, ele é quem incentiva, apoia e acredita no potencial e sucesso escolar, ele exerce seu papel de forma dedicada e estabelece relações interpessoais de amizade e afeto com os estudantes.

As representações sociais de escola pública que identificamos corroboram os estudos desenvolvidos por Nova (2013) para quem a escola é o local que confere conhecimentos e habilidades para um futuro promissor. Também confirmam o que dizem Oliveira et. al. (2003) para os quais a escola é representada não apenas como espaço de transmissão do saber, mas como capaz de guiar/direcionar o rumo da juventude que, mesmo sem condições ótimas de aprendizado, tem tido acesso ao ensino superior. Por fim, contradizem os achados de Lima e Sales (2007). Segundo estes autores a escola pública

é representada de modo marcadamente negativo, devido às deficitárias condições de ensino e de professores desvalorizados.

A representações sociais de professor de escola pública detectadas no grupo confirmam os achados de Lopes Dias et. al. (2014) que identificam o professor como o principal ator no processo educativo e a docência como socialmente útil e que exige criatividade e dedicação. Também estão de acordo com Vale et. al. (2018) que revelam representações sociais do professor como um profissional mediador da aprendizagem, interativo, amigo, companheiro, que contribui para o desenvolvimento de diferentes habilidades. No entanto, os achados que aqui apresentamos diferem dos de Santos (2013) que indicam o professor reduzido a um profissional socialmente desvalorizado.

Sendo as representações sociais elaborações mentais construídas na dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto representado podemos afirmar que os estudantes egressos de escola pública, matriculados em cursos de alta seletividade da UPE, compartilham representações favoráveis da escola pública e de seus professores. De modo geral, eles reconhecem o papel dessa instituição e de seus docentes para o seu sucesso acadêmico.

Destacamos que os resultados do estudo aqui apresentados são importantes para entender as transformações da escola, as suas demandas, limites e práticas, bem como para conhecer o perfil e as estratégias do estudante de escola pública que alcança o sucesso escolar/acadêmico. Reiteramos a importância da escola pública para a formação da população e indicamos a necessidade de políticas educacionais para a melhoria desse espaço formativo e valorização do trabalho docente.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J. História de vidas de professores, formação e representações sociais: uma proposta de articulação. **Revista Educação Pública**. Cuiabá, v. 24, n. 55 p. 81-101, jan/abr. 2015

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P; OLIVEIRA, D. C de. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia-GO: Editora AB, 1998.

ABRIC, J. C.. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimento recentes. In: CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. da S. (Orgs). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. UCG, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2007.

CASTRO, Vanessa Gomes de; TAVARES JÚNIOR, Fernando. Jovens em contextos sociais desfavoráveis. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 239-258, jan./mar. 2016.

CUNHA, M.I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997

DI NUCCI, Eliane Porto. Interesses e dificuldades dos pais na alfabetização dos filhos. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 1, n. 2-3, p. 23-28, 1997. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571997000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Feb. 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

GONÇALVES, C. R. A presença das mães na escolarização dos filhos com sucesso escolar em universidades públicas. 2015. 226 f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2015.

JOVCHELOVITCH, S. BAUER, M. Entrevista narrativa. In: BAUER, M e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis. Vozes. 2012, 12º ed. p.90-113.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA, R. C. P. L; FERNANDES, M. C. S.G. Representações sociais de alunas de pedagogia sobre suas trajetórias escolares. **Educação Unisinos**. v.12, n.3, setembro - dezembro, 2008.

LIMA, F. F.; SALES. L. C. As representações sociais do aluno de escola pública partilhadas por professores de língua inglesa que ensinam em escolas públicas e particulares de Teresina. **Atos de pesquisa em educação - PPGE/ME FURB**. v. 2, n.1, p.106-122, jan./abr. 2007.

LOPES DIAS, G.; CABREIRA DIAS, A.; CHAMON, E. M. Q.O. As atitudes de licenciados sobre o "ser professor": uma dimensão das representações sociais. **Educação Unisinos**, 18 (3): 288- 300, setembro- dezembro 2014.

MACHADO, L. B; SILVA, W. F. S. Sucesso escolar: Representações Sociais de universitários vinculados a cursos de alta seletividade. **Perspectiva**, Florianópolis, v.37, n.2, p.619-635, abr/jun, 2019.

MARQUES, P. B.; CASTANHO, M. I. S. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 15, Número 1, Janeiro/Junho de 2011: 23-33.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais - Investigações em psicologia social**. Petrópolis, Vozes, 2003, 404p.

NOGUEIRA, M.A. 2004. Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. **Revista Brasileira de Educação**, 26:133-144.

NOVA, T. B. B. A ancoragem as representações sociais de escola entre crianças. In: MACHADO, L. B (Org.) **Incursões e investigações em representações sociais e educação**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013. p. 47-58.

OLIVEIRA, D. C.; FISCHER, F. M.; TEIXEIRA, M. C. T. V.; AMARAL, M. A. A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais. **Psicologia: teoria e prática** - 2003, 5(1): 27-39.

OSTI, A.; BRENELLI, R. P. Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem. **Psico-USF**, v. 18, n. 3, p. 417-426, 2013.

PONTE, M. G. F. As Representações Sociais da Escola Pública nos Jornais de Teresina (1960 – 1989) **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Universidade Federal do Piauí. Teresina-PI, 2005.

ROSA, S. A. Representações sociais de alunos da rede pública estadual de ensino sobre escola, escola pública e escola particular. **Dissertação (Mestrado em Educação)**. UEL Londrina-PR 2015.

SANTOS, R. M.; NASCIMENTO, M. A. & MENEZES, J. de A. (2012). Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. 10(1), pp.289-300.

SANTOS, P. I. Representações sociais do ser professor: o conteúdo representacional em textos narrativos. In: MACHADO, L. B (Org.) **Incursões e investigações em representações sociais e educação**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013. p. 47-58

SILVA; SOUZA; MEDEIROS NETA. A escola para o jovem: representações de alunos em situação de distorção idade-série no município de Areia Branca-RN. **Revista HOLOS**, Ano 31, Vol. 4 33 p. 34-51. 2015.

SILVA. W. F. S. O sucesso escolar nas representações sociais de estudantes de escola pública vinculados a cursos de alta seletividade na UFPE. 2016.148 f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SZYMANSKI, H. (Org). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

VALE, S. F.; MACIEL, R. H.; RODRIGUES, S. W. D. M. Do tradicional ao contemporâneo: representações sociais do professor construídas por alunos. **Roteiro**, Joaçaba, v. 43, n. 3, p. 861-890, set./dez. 2018

ZAGO, Nadir. Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas. **Paidéia**, FFCLRP-USP, Rib. Preto, jan/julho/2000.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.32, maio/ago, 2006.